

# Reunião de presidentes, a consequência natural

Da sucursal de  
BRASÍLIA

Uma reunião de presidentes da América Latina poderá ser realizada em Brasília, oportunamente, para debater os problemas da dívida externa. Esse encontro será uma consequência natural da união de chanceleres e ministros da área econômica dos principais países latino-americanos. Até ontem, pelo menos, o Itamaraty não confirmava a reunião presidencial, nem admitia que ela pudesse ter Brasília como sede. Mas não afastava a idéia.

No momento, os países com maior dívida externa estão articulando a reunião em nível ministerial. Ela estava prevista na rota oficial que os presidentes do Brasil, Argentina, México e Colômbia divulgaram sábado e que recomenda condições mais satisfatórias para que os devedores possam saldar seus compromissos. Em algumas das capitais latino-americanas que participaram da elaboração do documento se comentava, ontem, que o encontro de ministros poderia ocorrer dia 11 de junho, em Bogotá.

A capital colombiana desde o início ficou muito cotada e até um pouco por exclusão: existe uma tradicional rivalidade entre Brasil, Argentina e México a respeito da liderança latino-americana, embora seus governos sempre procurem desmentir que alimentam essa pretensão. Essa rivalidade tem prevalecido mesmo nos momentos, como o atual, em que esse trio vive um ambiente de lua-de-mel diplomático. Por isso, para evitar qualquer tipo de ciúme, os chamados três "grandes" optariam pela Colômbia para sede do encontro.

Em Brasília e nas outras capitais que integraram o documento de sábado, havia satisfação, ontem, pelos apoios que a nota oficial está recebendo em diversos países. O Equador, que foi sede, em janeiro, de importante reunião econômica, aderiu ao espírito de reclamação contra os países industrializados e poderá, sem surpresa, estar à mesa de negociações em junho, esperando-se o mesmo do Peru e da Venezuela. O Chile, porém, que é o líder da escola monetarista na América Latina, ainda permanece em completo silêncio, embora acompanhando com interesse os entendimentos.

## "OVOS DE OURO"

A reunião de junho, passo preliminar para o encontro de presidentes, acabará resultando em um novo documento, que pela técnica diplomática deverá ser ainda mais afirmativo que o de sábado último.

A expectativa é de que os principais países industrializados, entre eles os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, se convençam finalmente da gravidade da situação nos principais países devedores da América Latina e do Terceiro Mundo em geral. Os devedores esperam, igualmente, que o FMI e os bancos privados também atentem para essas dificuldades. Como dizia ontem uma fonte diplomática em Brasília, "nós e os nossos parceiros latino-americanos os estamos fazendo o maior esforço para salvar a galinha dos ovos de ouro, mas é preciso que os credores entendam isso e não a matem".

A galinha dos ovos de ouro, no caso, obviamente, é o volume das respectivas dívidas externas, em função da qual atuam, "com grande lucro", diversos bancos privados. Os países devedores, lembrou a fonte, querem ter condições de pagamento: "Mas isso fica difícil se, nessa corrida entre exportações e aumento das taxas de juros, nós sempre ficamos para trás".